



## **Reflexões sobre a prática da reportagem: a experiência do Projeto Labjorn<sup>1</sup>**

Tahiane Macêdo JOSUÉ<sup>2</sup>  
Arthur de Oliveira ROCHA<sup>3</sup>  
Maria do Socorro Furtado VELOSO<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

A análise crítica da própria produção é um exercício ainda pouco notado entre jornalistas. Mas a academia pode ser um ambiente propício para esse tipo de reflexão, como demonstra experiência realizada por estudantes do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da UFRN. Ao final das reportagens produzidas para as disciplinas técnicas mantidas pelo Projeto Labjorn (Laboratório de Redação Jornalística), os alunos são convidados a comentar os bastidores da apuração da reportagem. Nesses depoimentos, os futuros jornalistas tem a chance de desvelar impressões, dificuldades e emoções vividas, o que pode contribuir para o aprimoramento da prática profissional. O aporte teórico deste estudo toma por base textos de Cremilda Medina, Eliane Brum, Ricardo Noblat, Ricardo Kotscho, Gay Talese e Manuel Carlos Chaparro. A metodologia inclui análise de conteúdo dos depoimentos escritos pelos alunos e publicados no espaço “Relato do Repórter”, mantido pelo Labjorn.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relatos; Labjorn; Reportagem; Jornalismo literário.

### **1. Introdução**

A rotina diária dos veículos de imprensa permeia desde a concepção da pauta até o processo de fechamento de cada edição, respondendo a demandas industriais que o mercado da informação impõe aos meios jornalísticos. Isso implica numa produção jornalística menos calcada na profundidade dos fatos que são informados; o investimento é na quantidade cada vez maior de relatos factuais, resumidos, quase sempre produzidos com base no formato clássico da pirâmide invertida.

Esses esquematismos técnicos tão caros à indústria midiática devem ser objeto de crítica constante na academia, como propõe Cremilda Medina em *A arte de tecer o*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao II 1 – Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de graduação (9º semestre) do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da UFRN. Integrante do grupo de pesquisa Pragma (UFRN). Bolsista do Projeto Labjorn. E-mail: tahiane.mj@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de graduação (7º semestre) do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da UFRN. Integrante do grupo de pesquisa Pragma (UFRN). Bolsista do Projeto Labjorn. E-mail: arthurd.oliveira@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação (USP). Professora adjunta do curso de Comunicação Social (Jornalismo) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN. Pesquisadora dos grupos Pragma (UFRN) e Alterjor (USP). Coordenadora do Projeto Labjorn. E-mail: socorroveloso@uol.com.br



*presente* (2003). Na obra, a professora e pesquisadora da ECA-USP chama atenção para o fato de que, no jornalismo, a construção social dos sentidos se faz no cotidiano, na rua, na percepção dos gestos coletivos. “Se a comunicação se propõe à ação solidária, a construir redes de significação contemporânea, terá de pesquisar, sensibilizar-se e praticar a dialogia” (MEDINA, 2003, p.74).

Ao eleger a prática do repórter como mediadora social dos discursos da realidade, a professora critica os modelos que desprezam a intuição criativa do jornalista. Defensora de um tipo de jornalismo cuja pedagogia recupere o prazer de descobrir pessoas e coisas, Cremilda lembra que “em ambientes pedagógicos – mais favoráveis na universidade pública, mas também em algumas instituições privadas – é possível desenvolver essas aptidões conjuntamente, observando e motivando os estudiosos numa oficina permanente” (MEDINA, 2003, p.35).

Com base nesses pressupostos, o curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte desenvolve, há cerca de três anos, o Projeto Labjorn (Laboratório de Redação Jornalística). O objetivo é recompor o espaço das narrativas nos veículos laboratoriais por meio do incentivo à produção de textos que fujam a esquemas técnicos superados, e tendo por base teórica o estudo do chamado jornalismo literário.

Neste artigo, objetiva-se apresentar as experiências desenvolvidas no Projeto Labjorn, com ênfase para o “Relato do Repórter”, espaço editorial que comporta reflexões escritas pelos estudantes ao final de cada reportagem. O intuito desses relatos é desvelar impressões, dificuldades e emoções vividas pelos futuros jornalistas no processo de produção e redação das matérias.

## **2. Projeto Labjorn**

O Laboratório de Redação Jornalística (Labjorn) contempla um grupo de disciplinas de formação profissional do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da UFRN que trabalham com o estudo e a prática das técnicas de escrita para meios impressos. São elas: Introdução ao Jornalismo (2º período), Linguagem Jornalística (4º período) e Reportagem, Pesquisa e Entrevista (5º período). Atualmente, as duas primeiras estão sob responsabilidade da coordenadora do projeto, professora doutora Maria do Socorro Veloso, que conta com o auxílio de dois monitores bolsistas. Por semestre, as três disciplinas registram, cada uma, média de 45 inscritos, o que totaliza um público de 135 estudantes.



Gestado como projeto de ensino em 2009, o Labjorn resulta de práticas laboratoriais desenvolvidas desde o segundo semestre de 2008. O material resultante dessas experiências está publicado nos sites de notícias Enfoca, O Periódico, Agência Fotec e No Minuto. A intenção é garantir acesso público ao trabalho realizado pelos estudantes, que, entre setembro de 2008 e dezembro de 2011, publicaram 640 textos jornalísticos nos sites mencionados, das quais 493 na Agência Fotec, após parceria firmada em fevereiro de 2010.

No site da Fotec ([www.fotec.ufrn.br](http://www.fotec.ufrn.br)) há um espaço reservado às notícias e reportagens produzidas pelos alunos sob orientação nas disciplinas Introdução ao Jornalismo, Linguagem Jornalística e Reportagem, Pesquisa e Entrevista. Este espaço encontra-se disponível em: Agência Fotec > Práticas Curriculares > Labjorn, que se divide nas seções Primeira Página, Olho da Rua, Personagens, Faces de Natal e Entrevistas.

A existência de um laboratório permanente de redação jornalística, articulado em três disciplinas profissionalizantes, visa promover a qualificação do aluno não só para a prática do texto jornalístico, como também para o trabalho em campo, no qual terá de manter contato com múltiplas realidades sociais.

O Labjorn almeja a inserção dos alunos-repórteres na realidade que pulsa nas periferias da Grande Natal. Parte da premissa de que é fundamental a produção permanente de reportagens que possam circular nas comunidades potiguares como fontes de informação e conhecimento, e que, ao combinar criatividade e senso crítico, reiterem a responsabilidade social da prática jornalística.

A intenção é experimentar, com os estudantes, novas possibilidades para o relato do mundo real, seja a partir de acontecimentos do dia-a-dia, seja por meio da busca de personagens e histórias da realidade regional, esquecidos ou relegados ao anonimato.

Essas novas possibilidades incluem a tarefa de refletir sobre a própria prática ao final de cada matéria, o que é feito no Relato do Repórter. Esse espaço funciona nas seções Primeira Página (reportagens de temática diversa) e Personagens (perfis de anônimos), que comportam textos dos alunos da disciplina Linguagem Jornalística. Nele, os estudantes são estimulados a escrever sobre suas experiências no trabalho de produção das reportagens. Eles relatam bastidores da apuração; falam das limitações, dificuldades e das emoções que viveram; fazem autocrítica e contam casos pitorescos, entre outras informações.



Relato do Repórter é uma iniciativa inspirada em nomes como Eliane Brum, Ricardo Kotscho, Ricardo Noblat e Gay Talese, que frequentemente refletem sobre suas atividades no jornalismo, compartilhando essas percepções em livros, colunas de jornal e revista, e na internet. A despeito de serem profissionais com grande experiência e gozarem de prestígio público, eles também admitem dificuldades em suas pautas. Não raro, falam dos dilemas que enfrentaram em determinadas abordagens, da insegurança que sentiram ao entrevistar certas fontes, dos conflitos surgidos durante a produção das matérias, e até da preocupação com o *deadline*.

### **3. Suporte teórico da experiência**

O jornalista lida com diferentes realidades, diariamente. Ele pode cobrir uma audiência pública pela manhã, o incêndio numa favela à tarde e o lançamento de um livro à noite. Independente da pauta, ensina Kotscho, o trabalho do repórter é bem mais do que simplesmente cultivar belas-letas: “sua tarefa não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula científica, mas é a arte de informar para transformar” (KOTSCHO, 2007, p.8).

Essa certeza de Kotscho é compartilhada por Noblat, outro profissional de imprensa que comumente analisa o próprio fazer. Para o ex-editor do *Correio Braziliense*, “o fato que provoca barulho não é necessariamente o fato importante. Importa o fato destinado a produzir mudanças na vida das pessoas” (NOBLAT, 2008, p.30).

A compreensão do jornalismo como elemento de qualificação das democracias e transformação social é um dos pilares do Projeto Labjorn. Por essa razão, os estudantes são estimulados a buscar pautas nas comunidades localizadas na periferia de Natal, dando relevância e voz a histórias e personagens muitas vezes silenciados na grande imprensa.

Em *A arte de fazer um jornal diário* (2008), Ricardo Noblat opina sobre o desaparecimento dos jornais impressos. Aqueles que não rejuvenescerem estarão condenados à morte, afirma. Ele defende o uso do jornalismo literário e o abandono do lide e da pirâmide invertida como alternativas para se alcançar tal rejuvenescimento. “O *lead* é inimigo do prazer que a leitura de um texto pode proporcionar. Porque inibe a imaginação e a criatividade os jornalistas” (NOBLAT, 2008, p.99).

Na seção Primeira Página, os alunos são convidados a escrever suas reportagens e relatos inspirados nas técnicas que aproximam o jornalismo da literatura, a fim de



romper com a rigidez dos formatos tradicionais. Trata-se de um estilo que encontra repercussão nos textos escritos pela jornalista Eliane Brum, da revista *Época* (Editora Globo). No livro *O olho da rua* (2008), Eliane reúne reportagens que podem ser lidas “por qualquer pessoa que goste de histórias tão reais que parecem inventadas. E também para estudantes de jornalismo que tenham tantas dúvidas sobre a melhor forma de exercer a profissão como eu sempre tive – e sigo tendo” (BRUM, 2008, p.15).

*O olho da rua* é composto por textos escritos entre 1998 e 2008, para *Época*. As reportagens são seguidas de um relato, uma espécie de *making off*, no qual a jornalista descreve os bastidores da apuração, mas, especialmente, os sentimentos que experimentou no processo: “Para cada reportagem há uma reflexão sincera, vísceras à mostra, sobre o que fiz e o que vivi – como repórter, como gente” (BRUM, 2008, p.14).

No caso dos relatos escritos pelos estudantes de Jornalismo da UFRN, a intenção é tirá-los da zona de conforto, visto que precisam pensar criticamente sobre o resultado de suas reportagens antes da publicação. Esse tipo de reflexão pode resultar em aprendizado coletivo, a despeito do incômodo que eventualmente venha a provocar.

Em *A arte de fazer um jornal diário*, Ricardo Noblat faz críticas ao próprio estilo: “Nunca gosto do que escrevo. E do modo como escrevi” (NOBLAT, 2008, p.92). Também faz *mea culpa* por procedimentos que afrontaram a ética profissional: “O truque, às vezes, dava certo. Você se passava por outra pessoa ao telefone e conseguia as informações desejadas. Nenhum código de ética me impedia de agir assim. E eu não achava nada demais agir assim. Hoje, acho” (NOBLAT, 2008, p.56).

#### **4. Metodologia**

Para a realização deste estudo foram analisados os relatos publicados na Primeira Página, uma das seções do Projeto Labjorn (a outra é a seção Personagens) que hoje mantém espaço destinado à reflexão da atividade jornalística por parte dos discentes.

Da seção Primeira Página foram selecionadas apenas as reportagens que apresentavam o Relato do Repórter, uma vez que a experiência só teve início no segundo semestre de 2009 e, a princípio, era facultativa.

A partir dos recursos oferecidos pela técnica da análise de conteúdo, todas as reportagens e seus respectivos relatos foram lidos e analisados separadamente, para que se pudesse extrair passagens que ilustrassem este artigo, relacionando-as com a experiência de jornalistas que costumam refletir publicamente sobre a própria prática.



Analisados em conjunto, os relatos foram contabilizados numa tabela com categorias escolhidas pelos pesquisadores por serem pontos convergentes que se repetiam na produção dos discentes. As categorias foram: assuntos por editorias; *deadline*; dificuldades gerais; relacionamento com a fonte; método de entrevista; origem da pauta; descrição de emoções.

## 5. Levantamento e análise dos dados

A seção Primeira Página é destinada à publicação de matérias dos alunos da disciplina Linguagem Jornalística. Nela são veiculadas reportagens sobre temas variados, mas com ênfase em questões sociais. Nesta seção, os alunos também são convidados a relatar experiências vividas durante a produção das matérias, incluindo relacionamento com as fontes, dificuldades na apuração, aspectos pitorescos ou situações que emocionaram o repórter durante o processo.

A partir do levantamento de 85 relatos postados entre dezembro de 2009 e janeiro de 2011, chegou-se aos seguintes resultados:

### Editorias

Projetos Sociais/ONGs	23
Saúde	05
Educação	07
Esportes	06
Cultura	12
Tecnologia	03
Cidades	19
Religião	07
Economia	02
Política	01

### Deadline

Repórter ultrapassou o <i>deadline</i>	03
Cumpriu <i>deadline</i>	23

### Dificuldades gerais

Timidez do repórter	03
Fonte resistiu em conceder entrevista/foto	20
Marcar entrevista	13
Redigir texto	11
Fechar pauta	05



### **Relacionamento com a fonte**

Já conhecia a fonte	08
Conheceu a fonte por meio da entrevista	21

### **Método de entrevista**

Presencial	23
Não presencial	06

### **Pauta**

Pauta sugerida por terceiros	05
Pauta encontrada da rua	25
Pauta “plano B” (segunda opção)	11

### **Emoção**

Repórter se emocionou	17
Fonte se emocionou	05
Pauta edificante/construtiva para o repórter	28

## **5.1 Editorias e pauta**

A maioria dos textos selecionados abordou temas relativos a projetos sociais ou ONGs. Das 85 matérias publicadas na Primeira Página, 23 trataram de ONGs ou projetos sociais; 19 se enquadraram na editoria de Cidades; 5 trataram de temas relacionados à Saúde; Educação, 7; Cultura, 12; Esportes, 6; Tecnologia, 3; Religião, 7; Economia, 2; Política, 1.

A grande demanda por pautas que refletem a vida nas comunidades natalenses não é mera coincidência. O conteúdo da disciplina Linguagem Jornalística busca reforçar a função social do jornalista, com incentivo a pautas de interesse público, que tratem de situações e pessoas que não aparecem com tanta frequência na mídia local. A disciplina incentiva os alunos a darem voz a grupos historicamente sem voz. Essa necessidade está explicada no texto de apresentação do Projeto Labjorn:

A proposta aqui apresentada tem, ainda, articulação direta com as ações desenvolvidas na pesquisa e extensão. O eixo dessas ações é a crença na necessidade de democratização da informação, com o incentivo aos alunos para que se envolvam em atividades junto a comunidades e grupos sociais.



A idéia é buscar assuntos para reportagens que estão abaixo da superfície do “mundo noticiado” de que fala Manuel Carlos Chaparro (s/d). Para o professor e pesquisador, “as redações dos meios impressos têm o dever de romper os limites do ‘mundo noticiado’, definidos pelo poder massivo do telejornalismo, e que o jornalismo impresso aceita passivamente”. Ao estabelecer esse “mundo noticiado” com o qual se realimenta continuamente, “a televisão cria, ainda que sem querer, a noção de um ‘mundo não noticiado’, que deveria ser entendido e assumido como desafio pelo jornalismo impresso” (CHAPARRO, s/d).

Para dar conta de um desafio desse porte é preciso que o jornalista permaneça atento, pois, como alerta Kotscho, uma boa pauta pode passar em branco sem o olhar apurado do repórter: “A melhor solução ainda é aquela que os antigos me ensinaram quando ainda não existia a tal da pauta: é garimpar bons assuntos, cultivando suas fontes, mantendo as antenas ligadas dia e noite onde estiver” (KOTSCHO, 2009, p.10).

Noblat (2008, p.149) é incisivo quando o assunto é a busca pela pauta: “quanto aos repórteres, o lugar deles não é na redação. É nas ruas atrás de notícias desconhecidas”. Para Kotscho, da mesma forma, a rua ainda é o melhor lugar para o jornalista encontrar suas histórias:

Com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia. Muitas vezes quando ficávamos sem assunto, o veterano fotógrafo Gil Passarelli e eu saíamos sem pauta nenhuma, sem destino certo – e não me lembro de termos voltado algum dia sem assunto. (KOTSCHO, 2009, p.12).

Há um relato interessante da estudante Aline Rodrigues, publicado na seção Primeira Página em setembro de 2011. Ela conta como, após ver duas pautas caírem, decidiu andar sem rumo pela cidade, para tentar conseguir uma boa história:

“O bom repórter se conhece pelo sapato”. Foi essa frase que me veio à cabeça quando, a menos de 48 horas do prazo para entregar a matéria, duas pautas caíram e eu não tinha a mínima ideia do que fazer. Peguei a máquina fotográfica, o bloquinho de anotações e saí em busca de algo que rendesse uma boa história. Biblioteca Câmara Cascudo, sem coordenador, sem pauta. Museu Câmara Cascudo, as mesmas exposições de sempre. Acabei indo a pé de Petrópolis até a Ribeira, e já no finalzinho da Rua Chile encontrei minha história. (Aline Rodrigues, 26 set. 2011).

A estudante Helena Mazeviero precisou de um olhar mais apurado para descobrir um personagem sentado a seu lado, no ponto de ônibus. No relato que





acompanha a matéria intitulada “Transporte público em Natal: quem conhece, desconfia”, ela conta:

Em meio à minha angustiante falta de criatividade por não conseguir pensar em sequer um assunto interessante para um trabalho de faculdade, eis que quase não reparo em um senhor um tanto caricato, sentado ao meu lado no ponto de ônibus. Ele veste uma camiseta listrada de gola e usa os poucos cabelos brancos que lhe restam muito bem penteados. Seu nome é Carlos Cunha e está reclamando dos ônibus de Natal, da falta de respeito dos motoristas e do preço da passagem. Começamos a conversar e descubro que temos o mesmo destino. Espero o ônibus junto com ele. No fim das contas, a companhia de Carlos e a viagem me renderiam uma boa pauta. Chegando em casa, escrevi a matéria. (Helena Maziviero, 2 out. 2010).

Na disciplina Linguagem Jornalística, a metodologia de escolha da pauta funciona da seguinte forma: cada aluno apresenta sua idéia, depois discutida com o resto da turma, em reunião. Dessa forma, ele pode avaliar a viabilidade do tema proposto, encontrar novos enfoques e ainda evitar repetição de pautas.

O que aqui se classifica como “pautas dadas” são aquelas sugeridas por outras pessoas. Nessa categoria estão cinco dos 85 relatos da seção Primeira Página.

Acontecimento comum no dia-a-dia do jornalismo, 11 jovens repórteres relataram que a pauta caiu ou não rendeu, obrigando-os a buscar um novo assunto - o que está categorizado como “Pauta plano B”. Alguns relatos dão conta dessa situação:

A pauta sobre o santuário apareceu por acaso quando a pauta que eu havia escolhido antes tinha acabado de cair. Eu e minha família passamos um final de semana em Santa Cruz. Durante esse tempo conhecemos o santuário e entre uma conversa e outra o com os moradores da cidade achei que o lugar daria uma boa reportagem. (Laís Farias, 3 out. 2011).

A pauta que inicialmente iria cobrir era sobre a história do Padre Thiago Theisen, mas como o horário que o mesmo poderia conceder entrevista era após o período pré-estabelecido para a entrega das matérias, então passei para o projeto Mais Educação. (Nathalia Carrilho, 4 out. 2011)

A ideia inicial para a matéria era falar um pouco sobre o nascimento e desenvolvimento do Núcleo Tirésias, Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Diversidade Sexual, Gênero e Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tentei entrar em contato com a coordenadora do núcleo, a professora Berenice Bento, sem sucesso. Foram e-mails e mensagens no facebook sem resposta. O desespero bateu, não fazia a mínima ideia do que iria fazer. Eis que me lembrei do boneco mamulengo, uma brincadeira



popular do Nordeste, mas que anda bastante esquecida. Recordei de que quando era criança ficava encantada como aqueles bonecos tão simples, e por vezes até feios, podiam ser tão incríveis e mágicos. (Paula Santos, 5 out. 2010)

## 5.2 Relacionamento com a fonte

Na melhor escola do jornalismo brasileiro, da qual surgiram nomes como Ricardo Kotscho e Ricardo Noblat, o bom repórter sempre soube cultivar boas fontes. Para Noblat (2008, p.62), a “melhor fonte é também a que tem jeito de jornalista”. Cultivar um bom relacionamento com os entrevistados, decidir que perguntas fazer e como perguntar são procedimentos aparentemente triviais no exercício do jornalismo diário, mas podem ser motivo de grande preocupação para um repórter iniciante. Como exemplo, há o relato da estudante Alessandra Albuquerque, que demonstrou interesse em agradar as fontes:

As entrevistadas foram muito gentis e houve uma troca de aprendizado, a Gladis ainda me deu dicas sobre o curso e tivemos uma conversa agradável. Pode parecer futilidade, mas uma preocupação que eu tive foi a escolha da roupa! Aliás, é uma preocupação constante, já que a forma de vestir diz muito sobre quem você é. Mas entrevistar alguém influente nesse meio gerou preocupações a mais. Fui com um sapato super conceitual, que eu adoro, mas cheguei em casa com algumas bolhas de guerra. (Alessandra Albuquerque, 2 out. 2011).

## 5.3 Emoção

A máxima de Kotscho segundo a qual é preciso “informar para transformar” pode ser notada em várias reflexões feitas pelos alunos sobre sua própria prática. Alguns almejam denunciar problemas da cidade, outros querem trazer pessoas anônimas à luz ou divulgar o trabalho de instituições de caridade e projetos sociais. Há, também, quem apenas espera poder divulgar um esporte pouco conhecido.

Em muitos relatos sobre projetos sociais (maioria das pautas escolhidas), os “focas<sup>5</sup>” falam sobre a vontade de ajudar a mudar determinada situação. Alguns se tornaram voluntários, outros contam que colocaram a “mão na massa” e ajudaram em alguma coisa durante o processo de apuração. Nota-se o sentido humanizador da

---

<sup>5</sup> O termo foca é tradicionalmente utilizado em redações para denominar um jornalista novo, inexperiente.



experiência. Dos 85 relatos analisados, 28 alunos descreveram que o processo de apuração foi edificante, ou trouxe algum aprendizado.

Os jovens repórteres relatam como os sentimentos da fonte e/ou a situação testemunhada despertaram interesse. Como observa Eliane Brum, a “reportagem sempre fica melhor quando somos surpreendidos, quando ouvimos algo que não planejávamos” (2008, p.38).

No relato a seguir, sobre uma instituição que reabilita dependentes químicos, a repórter fala da emoção de ouvir histórias tão intensas:

Tive receio, mas perguntei sobre sua história. Foram duas horas de conversa. Paramos por vários momentos. A emoção dele era perceptível. Chorava, chegou a soluçar. “Quem disse que homem não chora?”, Também quase fui às lágrimas. (Elane Moreira, 17 out. 2011).

Na matéria intitulada “Ser deficiente não é ser diferente”, a estudante Daniele Monte conta que aprendeu uma lição de vida:

A cada reportagem feita, o jornalista vai adquirindo experiência e conhecimento. Comigo não foi diferente. É sempre bom e construtivo conhecer novas pessoas, principalmente quando elas fazem algo de bom para a sociedade (Daniele Monte, 31 mai. 2011).

Espera-se que o *making off* da produção das reportagens amplie a qualidade do aprendizado, pois permite aos estudantes pensarem sobre o que foi feito, como poderiam ter feito, o que pode ser melhorado. Os relatos possibilitam, ainda, contar sobre situações inesperadas durante a apuração, como a vivida pelo aluno Walter Pinheiro Jr., que precisou da ajuda do pai para visitar uma comunidade quilombola longe da cidade. O relato, intitulado “Profissão: pai do foca”, foi redigido em tom confessional e apresenta forte carga emotiva:

Às 13 horas, já no carro de volta para casa e morto de fome, agradeço por ele [*o pai*] ter me ajudado a conseguir a nota do trabalho. E ele me agradeceu por eu ter deixado que ele passasse alguns momentos comigo. Fiquei MUITO surpreso ao saber pela boca dele que faziam precisamente 5 anos que não saímos em família e não passávamos tanto tempo juntos. E mais ainda, o quanto aqueles momentos e passar alguns momentos comigo era importante para ele, a ponto dele contar os anos. Foi realmente muito bom, decidimos prolongar o dia. Não voltamos para casa para que eu redigisse a matéria, e sim para buscar minha mãe e meu irmão para um almoço delicioso seguido de passeio no shopping, compras, conversas e momentos agradáveis. Muito



obrigado pai, e como sei que faz bem mais, muito mais de 5 anos que não digo isto, aí vai: TE AMO.” (Walter Pinheiro Jr., 7 jun. 2011)

Reportar é viver, é sentir na pele e se permitir ser transformado, de alguma forma, pela situação encontrada. Nesse caso, o repórter, ao inserir o pai como peça importante no processo de produção da matéria, pode refletir sobre o relacionamento entre ambos. Como ser humano, como cidadão, deixou-se modificar, de alguma forma, por essa vivência.

#### **5.4 Deadline**

Os prazos curtos tão conhecidos dos profissionais de imprensa não atormentam apenas jovens repórteres. Praticar jornalismo é lidar diariamente com a pressão do *deadline*. Como diz Noblat (2008, p.29), jornalista “gosta de trabalhar contra o relógio – e esta é uma de suas virtudes e um dos seus graves defeitos”. Talese relata uma experiência sobre a pressão do *deadline*:

Depois de datilografar e redatilografar meu artigo – acabei dois minutos antes do prazo – ditei-o pelo telefone do meu quarto de hotel pra um dos transcritores do departamento de notícias do Times em Nova York. Como sempre acontecia, estava insatisfeito com o que tinha escrito, desejando ter tido mais tempo para entrevistar pessoas, refazer meu texto e pensar em palavras mais adequadas para descrever o que eu tinha visto. (TALESE, 2009, p.184).

Nos relatos analisados, a preocupação com o prazo final também está presente. Para alguns, a pressão do tempo resulta em frustração, pois acreditam que se tivessem mais tempo a matéria ficaria melhor – como ocorreu com Talese. Observe-se o relato da estudante Talitha Sigler, intitulado “O deadline”:

A entrega da matéria era para o dia 08/09/11 e até o dia 02/09 (sexta-feira) eu não tinha conseguido entrar em contato com ninguém da entidade. Tudo isso com um sério agravante. O professor Charlton e Ana só vão à Extremoz aos sábados. Logo eu tinha horas para conseguir entrar em contato com alguém e ainda pedir uma carona. (Talitha Sigler, 2 de out. 2011)

#### **5.5 Apuração: dificuldades gerais**

A apuração envolve uma série de habilidades a serem desenvolvidas pelo repórter e, para um iniciante, algumas tarefas podem parecer bem mais complicadas. Entre as dificuldades recorrentes durante a apuração, citadas pelos alunos, estão o



agendamento de entrevistas e a timidez da fonte. Jornalistas lidam diariamente com uma multiplicidade de fontes. Algumas estão dispostas a dar informações, outras tornam a tarefa mais difícil. São comuns as histórias de entrevistas que “não rendem”.

Gay Talese lembra que o processo de apuração pode ser muitas vezes frustrante, mas que é preciso buscar ao máximo as informações necessárias:

Já gastei semanas negociando entrevistas com pessoas recalcitrantes que, quando finalmente resolveram falar comigo, nada revelaram de interessante. Já viajei centenas e milhares de quilômetros seguindo pistas que por fim não me levaram a parte alguma. Das informações que recolho de pessoas, 80% terminam na cesta de lixo. Ainda assim, eu não teria conseguido descobrir os 20% úteis sem abrir caminho através dos outros 80%, que acabam virando lixo (TALESE, 2009, p.59-60).

Há outros casos em que se dá exatamente o oposto, quando as entrevistas rendem bastante, mas o jornalista tem de lidar com as limitações de espaço: “Nada é mais comum também do que um repórter se matar para apurar uma matéria, retornar à redação pensando em escrever noventa linhas e ouvir do seu chefe que só haverá espaço para trinta” (NOBLAT, 2008, p.123).

Para muitos estudantes de jornalismo, a redação do texto é uma das maiores dificuldades, seja por excesso de informação, falta delas, ou por conta de dados que ficaram vagos, e que precisam ser apurados novamente:

A dificuldade veio na hora de redigir porque eram muitas informações, e como havíamos lido o livro “A prática da reportagem”, de Ricardo Kotscho, em sala, a vontade de fazer um texto agradável, chamativo e empolgante não saía da minha cabeça. Tentei fugir um pouco dos padrões convencionais e dar mais emoção à matéria. (Vanessa Cortez, 5 out. 2010)

O difícil em produzir uma matéria como essa é filtrar tantas informações, testemunhos feitos por parte de alguns populares da região, e achar um único foco para escrever um texto mostrando a importância do projeto, que certamente carrega uma contribuição e resultados em longo prazo. Outro ponto também que dificultou um pouco foi o número de vezes que eu tive que entrar em contato com idealizadores do projeto para colher informações que ficaram meio vagas após a entrevista. (Naibhy Rodrigues, 6 jun. 2011)

Para o estudante Jonathas Figueiredo, a pressão por um bom texto foi motivo de preocupação:



(...) me senti pressionado pelas expectativas criadas pelos informantes sobre a minha matéria. Quer dizer, mais uma coisa para eu administrar. Sei que, com o tempo, o repórter desenvolve naturalmente a capacidade para saber lidar com isso, mas, como iniciante, esse foi o meu sentimento. (Jonathas Figueiredo, 3 jun. 2011)

Há também casos em que a escolha da fonte se mostra inviável e o aluno precisa buscar um novo personagem para sua matéria, como relata a estudante Vanessa Arruda:

Por dois momentos durante o cumprimento da pauta houve problemas com as fontes pré-selecionadas. A priori, o representante da Arquidiocese de Natal a ser contatado foi o vigário geral, padre Aerton Sales. Esse impasse terminou rendendo uma ótima conversa com o recém-ordenado padre Helenildo Marques, extremamente aberto à realidade da instituição. O outro contato que se tornou inviável foi com a comunidade Shalom, escolhida como “personagem” para sintetizar as tradições católicas vividas durante a Semana Santa. Estando na rua e com o intuito de cumprir a pauta, não me detive aos contratempos e busquei outro indivíduo que pudesse cumprir a mesma função, e a senhora Maria acabou superando minhas expectativas. (Vanessa Arruda, 7 jun. 2011)

A apuração pode se mostrar mais difícil do que aparenta aos olhos de um repórter iniciante, mas, com o tempo e aquisição de experiência, ele poderá desenvolver meios para lidar com as dificuldades que eventualmente complicam o processo.

## **6. Considerações finais**

Lidar com tantas pessoas diferentes, ouvir histórias surpreendentes, defrontar-se com situações inesperadas fazem da reportagem uma atividade jornalística das mais edificantes. O contato com personagens e histórias de diversos matizes impede o bom repórter de cair na apatia.

Da mesma forma, a disposição em refletir sobre a própria prática permite ao jornalista evoluir nas dimensões do cidadão e do profissional, como se observa nos ensinamentos de Gay Talese, Eliane Brum, Ricardo Noblat e Ricardo Kostcho. Em todos eles, nota-se a disposição para o aprimoramento permanente, para a certeza de que o bom jornalismo só pode ser realizado com visão crítica e autocrítica.

Nos relatos do Projeto Labjorn analisados para este estudo, fica evidente a relevância das experiências vividas pelos estudantes de Linguagem Jornalística não só no que se refere ao aprendizado de técnicas de apuração e escrita, mas também sobre o sentido social da profissão. Enquanto reflete sobre o próprio fazer, o estudante de



jornalismo ganha experiência, dando um passo à frente para superar as dificuldades encontradas. Essa prática refina o aprendizado por incentivar o aluno a construir uma visão crítica do processo de apuração, do relacionamento com as fontes, dos procedimentos de entrevista, da produção do texto. Nos relatos, ele tem a chance de pesar erros e acertos cometidos durante a reportagem.

Essas vivências acumuladas levam não só ao aprimoramento do método, mas também à consolidação do caráter do jornalista-cidadão - aquele que pensa o jornalismo como elemento de transformação política e social.

## REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura na vida real. São Paulo: Globo, 2008.

CHAPARRO, Manuel C. “Ideias para um novo jornalismo impresso”. Disponível em [www.oxisdaquestao.com.br](http://www.oxisdaquestao.com.br). S/D.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2007.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2008.

TALESE, Gay. **Vida de escritor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.